

Revista  
Latino-americana de

# Geografia e Gênero

Volume 13, número 2 (2022)

ISSN: 2177-2886

Artigo

## Imigrantes LGBTQ+ em Florianópolis/SC: O Papel das Redes Sociais no Processo de Identificação Sexual

*Imigrantes LGBTQ+ en Florianópolis/SC: El Papel de  
las Redes Sociales en el Proceso de Identificación  
Sexual*

*LGBT+ Immigrants in Florianópolis/SC – Brazil: The  
Function of Social Networks in the Sexual Identification  
Process*

**Lucas Matias da Silveira**

Universidade do Estado de Santa Catarina –  
Brasil  
lucasmatiass@hotmail.com

**Gláucia de Oliveira Assis**

Universidade do Estado de Santa Catarina –  
Brasil  
galassim@gmail.com

**Francisco Canella**

Universidade do Estado de Santa Catarina –  
Brasil  
fransiscocanella@hotmail.com

Como citar este artigo:

SILVEIRA, Lucas Matias da; ASSIS, Gláucia de  
Oliveira; CANELLA, Francisco. Imigrantes LGBTQ+  
em Florianópolis/SC: o papel das redes sociais no  
processo de identificação sexual. **Revista Latino  
Americana de Geografia e Gênero**, v. 13, n. 2, p.  
121-144, 2022. ISSN 2177-2886.

Disponível em:

<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg>

# Imigrantes LGBTQ+ em Florianópolis/SC: O Papel das Redes Sociais no Processo de Identificação Sexual

*Immigrantes LGBTQ+ en Florianópolis/SC: El Papel de las Redes Sociales en el Proceso de Identificación Sexual*

*LGBT+ Immigrants in Florianópolis/SC – Brazil: The Function of Social Networks in the Sexual Identification Process*

## Resumo

A população LGBTQ+ enfrenta situações de preconceito e discriminação, em suas localidades de origem, o que pode conduzir ao processo migratório. Imigrantes LGBTQ+, muitas vezes, não podem utilizar de redes sociais já tecidas, por medo da estigmatização. Assim, migram para locais que acreditam ser LGBTQ+friendly. Desta forma, esta pesquisa tem como objetivo analisar os percursos migratórios da população gay, a configuração de suas redes sociais e investiga se, por meio das redes sociais tecidas, o processo de identificação da “saída do armário” ocorre mais facilmente. Para a realização desta pesquisa, compreende-se que o método qualitativo e quantitativo são complementares.

Palavras-Chave: Identificação; Homossexual; Migração; Redes sociais; Saída do armário.

## Resumen

La población LGBTQ+ enfrenta situaciones de prejuicio y discriminación en sus lugares de origen, lo que puede derivar en el proceso migratorio. Los inmigrantes LGBTQ+ a menudo no pueden usar las redes sociales ya tejidas por temor a la estigmatización. Así, migran a lugares que creen ser LGBTQ+friendly. Esta investigación pretende analizar las rutas migratorias de la población gay, la configuración de sus redes sociales y si a través de las redes sociales tejidas el proceso de identificación y de la “salida del armario” se da con mayor facilidad. Para ello, se entiende que los métodos cualitativos y cuantitativos son complementarios.

Palabras-Clave: Identificación; Homossexual; Migración; Redes sociales; Salir del armario.

## Abstract

The LGBTQ+ individuals face prejudice and discrimination in their places of origin, which can lead to the migratory process. The LGBTQ+ immigrant is often unable to use already established social networks for fear of stigmatization. Thus, they migrate to places that they believe to be LGBTQ+friendly. This investigation aims to analyze the migratory trajectories of the gay population and the configuration of their social networks. It also investigates whether the use of already established social networks favors the process of identifying the “coming out of the closet”. The investigation was carried out using qualitative and quantitative methods as complementary approaches.

Keywords: Identification; Homosexual; Migrations; Social networks; Coming out.

Lucas Matias da Silveira, Gláucia de Oliveira Assis, Fransisco Canella



## Introdução

Constata-se que, historicamente, os centros urbanos são refúgios da população LGBT+, onde essa população, por meio, do anonimato que as cidades propiciam, supostamente podem possuir uma vida de liberdade e satisfação sexual (TEIXEIRA, 2015). Desta maneira, os espaços urbanos são destino da população migrante LGBT+, já que em seus locais de origem nem sempre há uma sociedade aberta ou redes de apoio que auxiliem no enfrentamento de fronteiras simbólicas e preconceitos existentes na sociedade local.

Brown (2000) considera que o espaço abstrato do “armário” é constituído pela relação de poder/saber (FOUCAULT, 1980), principalmente o poder da heteronormatividade e homofobia (HALPERIN, 1995). Para o autor, essa relação de poder/saber com o “armário” LBGT+ está diretamente relacionada com espaços reais, no qual, para essa pesquisa, consideremos território e territorialidade<sup>1</sup> (SOUZA, 1995) ou pedaço (MAGNANI, 2003).

Consequentemente, dependendo do pedaço que se encontra o “armário” é plausível que a “saída do armário”, ocorra mais facilmente. Bronw (2000) argumenta que frequentemente como o “armário” está relacionado com espaços reais, muitas vezes o processo de “saída” envolve a migração de lugar, pois as “terras natais” de lésbicas e gays, constantemente, são locais prejudiciais para viverem, muitos são obrigados a migrar para estarem ‘fora’, havendo um processo de identificação (HALL, 2019).

O “armário” seria um espaço no qual LGBT+ são privados dos seus desejos, de sua identidade sexual, pelo poder de um grupo dominante (LAZARINI, 2013), a heteronormatividade, a partir disto, constrói-se como um dispositivo que regulariza a vida da população LGBT+ (SEDGWICK, 2007).

Desta forma, o “armário” é uma particularidade fundamental da vida social das opressões sofridas pela população LGBT+, das quais, por mais que os sujeitos sejam corajosos e sinceros, prósperos pelo apoio de sua comunidade, o “armário” sempre acompanhará essa população, ao longo da vida. A cada nova relação, uma nova turma, um novo chefe, um novo colega, é difícil prever como será a consideração da informação, assim, a todo o momento, há uma relação entre o “armário” e a pessoa. Pois, não se sabe como a nova relação reagirá sobre o assunto.

A partir disso, podemos contextualizar que a “saída do armário” seria uma forma de migração simbólica desta população, uma migração de identidade. Porque a “saída do armário” ou, como é internacionalmente chamado: “*coming out*”, o indivíduo revela sua homossexualidade, questionando valores e crenças extremamente estabelecidos na sociedade e, desta forma, o sujeito, mesmo sentindo-se bem consigo mesmo, pode sofrer preconceitos, estigmatização e agressões físicas, verbais ou outros danos sociais importantes (SAGGESE, 2008). Sai então de um espaço no qual enfrentava o poder heteronormativo para outro, no qual sua identidade e seu desejo são transformados em força,

1 Interação entre ser humano mediatizada pelo espaço, o conceito de território e territorialidade será definido em sequência do texto.

para construir uma nova vida.

Portanto, percebe-se que o LGBT+ é um migrante por seus atributos de gênero e sexualidade e que alguns LGBT+ buscam na migração geográfica uma possibilidade de “sair do armário”. Logo, a “saída do armário” faz parte do processo de identificação. Todos nós (re)construímos nossa identidade a todo momento, para esta pesquisa, tratamos o sujeito como sujeito pós-moderno, que, para Hall (2019) é

[...] conceitualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (HALL, 2019, p. 11-12).

Portanto, para Hall (2019), o termo identidade está incorreto, pois como está sempre em processo, nunca está acabada, conseqüentemente, deve-se utilizar o termo identificação.

A identificação é constituída pelas relações sociais, espaço-tempo e representações<sup>2</sup> (HALL, 2019). Assim, analisar-se-á os possíveis contextos que os sujeitos da pesquisa passam pelo processo de identificação, serão baseados respectivamente pelas redes sociais migratórias (ASSIS, 2007), o circuito da subcultura LGBT+ (VIEIRA, 2010; 2011b; 2011c) e a imaginação para migração (representações) (VIEIRA, 2011c; ANDRADE, 2019). Não se pode negligenciar que os três aspectos trabalhados por Hall estão constantemente ligados, cada aspecto não atua isolado no sujeito, todos estão relacionados a todo momento, mas para melhor compreensão far-se-á uma análise de cada abordagem individual.

As redes sociais migratórias (ASSIS, 2007) apontam para importância desses laços de reciprocidade nos quais as informações que circulam entre amigos, parentes e conterrâneos que se constituem num capital social importante no momento da migração e que possibilitam conectar entre a sociedade de origem e de destino. As relações de rede mais significativas são de parentesco, amizade e origem comum, também se deve considerar as redes sociais tecidas por meio dos locais e espaços que estes migrantes frequentam, como escolas, faculdades, bares, ruas, entre outros. Verifica-se que as redes sociais são a primeira perceptiva do imigrante do novo local, facilitando sua instalação, acolhimento, interação e a construção do sentimento de pertencimento. As redes sociais migratórias são as primeiras relações sociais que o migrante constrói no local de destino.

Andrade (2019) constata que os imigrantes refugiados LGBT+ não podem utilizar as mesmas redes que os imigrantes não LGBT+ utilizam, pois os migrantes LGBT+, muitas vezes, possuem receio de usar essas redes pela estigmatização que pode ocorrer. Portanto, os migrantes LGBT+ devem tecer suas redes sociais no local de destino, por meio da sociabilização e vivência

---

2 Para Hall (2019) a representação é a escrita, pintura, desenho, fotografia, simbolização por meio da arte ou dos sistemas de telecomunicação. Assim o presente artigo, caracterizará a importância que estas representações possuem para construção do imaginário do local que direcionará a influência à migração.

em pedaços.

Todas as identidades estão localizadas no espaço e no tempo simbólico, elas possuem seu lugar específico, familiar, delimitado, além do tempo que liga o passado e o presente, conectando os indivíduos a eventos históricos (HALL, 2019). Assim contextualiza o conceito de circuito de subcultura LGBT+ no espaço urbano, no qual são espaços físicos que fazem parte da subcultura LGBT+ do município em questão.

As cidades possuem uma importância na vivência LGBT+, pois proporcionam liberdade sexual, por meio do anonimato, encontro com identidades de gênero e sexuais iguais, além de possuir espaços agregadores, onde a população LGBT+ vivencia toda sua sexualidade e gênero, “esses espaços de lazer comunitários ganham uma importância fundamental nas espacialidades gays e lésbicas pela importância que o movimento físico, comunicação e inter-relação no cotidiano tem na construção dos modelos de vivência urbana desta população” (VIEIRA, 2011b, p.11) e na construção de uma identificação gay. Contextualizando o conceito de circuito de subcultura LGBT+.

Para compreender a formação desses territórios, Souza (1995, p. 78) conceitua território como “espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder”. Assim, o limite do território sempre é fluido, limitado pelo poder que o circunscreve. O autor ainda afirma que, pela geografia crítica, o território pode ser considerado um campo de força ou redes de relação sociais, com uma complexidade interna própria, definindo o limite entre os participantes dessa comunidade e os de fora, criando assim uma territorialidade, no território. Outro autor que considera essa relação de território com relações sociais é Magnani (2003), mas ao invés de utilizar territorialidade, ele utiliza o termo “pedaço”.

Percebemos que muitos territórios LGBT+ são limitados, ou por questões econômicas ou pela heteronormatividade. A partir dessa constituição de pedaços, a própria população LGBT+ constrói laços, redes, criando uma territorialidade entre o grupo, ainda que dentro da população LGBT+ haja muito mais subterritorialidades, pelas suas diversas identificações, mas a própria população LGBT+ percebe quando possui um estranho dentro do território, alguém de fora do grupo, um divergente, normalmente um/uma hétero(a), e as relações de poder vão entrar em jogo, dependendo da relação de poder que este estranho possa ter, ele pode ser aceito no território ou não.

Sendo aceito dentro do pedaço, a rede social deste sujeito será cada vez mais ampliada. Como demonstrado anteriormente por Hall (2019), por meio da rede social, é possível que este estranho altere sua identificação, portanto, se ele estiver no “armário”, possivelmente por meio deste local que ele começa a frequentar, por meio das redes sociais e as representações, comece a conhecer mais sobre sexualidade e, assim, as amarras do poder/saber que o “armário” construiu sejam desfeitas.

Outro conceito importante para a pesquisa é a imaginação para migração, considera-se como um processo cultural global e é um componente-chave na modernidade, pois é por meio da imaginação de outro local, construída pelas grandes mídias (televisão, internet, as redes sociais virtuais como *facebook*, *instagram*), mais pessoas em diversas partes do globo consideram traçar uma

nova vida em outro local. A imaginação de um outro lugar, o querer se deslocar, está numa proporção maior que antigamente, assim, cogita-se a emigração, quando há pouco tempo não existia essa possibilidade (ANDRADE, 2019).

A imaginação para migração está associada à migração por estilo de vida. Robins (2022) define esses migrantes como aqueles que migram em busca de uma melhor qualidade de vida. Não necessariamente essa qualidade de vida esta relacionada a uma questão econômica, mas sim a um conjunto de práticas sociais adotadas pelo migrante em um processo de identificação. Logo, não se trata migração por benefícios somente materiais, mas também imateriais, como a “qualidade de vida”, aspectos que estão conectados com a identificação do migrante. No caso dos migrantes desta pesquisa, um local mais LGBT, onde se possa performar toda sexualidade e gênero, sem estigmatização.

A partir do arcabouço teórico apresentado e do resultado, esse artigo objetiva identificar o papel das redes sociais da população imigrante LGBT+ em Florianópolis no processo de identificação sexual e, a partir disso: (1) Identificar os motivos migratórios da população LGBT+ e o porquê da escolha de Florianópolis; (2) Caracterizar o perfil dos imigrantes LGBT+; (3) Identificar como se deu a construção das redes sociais migratórias e suas alterações durante o processo migratório; e (4) Identificar os locais que fazem parte da subcultura LGBT+ de Florianópolis.

O universo da pesquisa refere-se ao município de Florianópolis-SC, pois essa cidade tem se constituído num destino de imigrantes LGBT+. Segundo censo de 2010 do IBGE, 15% da população do município em questão é constituída de imigrantes<sup>3</sup>, muito maior que as outras capitais do sul do país, Porto Alegre (5,85%) e Curitiba (7,19%). Da mesma maneira, este índice é significativamente superior a outros grandes centros urbanos do Brasil, como São Paulo (4,2%), Rio de Janeiro (3,2%) e Brasília (7,95%). Desta forma, é evidente que Florianópolis é um centro urbano cuja participação de imigrantes é de grande relevância, se comparada com outras capitais do Brasil, possuindo um dos maiores percentuais de pessoas que residem na cidade, mas nela não nasceram atualmente.

Agregado a esse dado, o censo do IBGE de 2010 também apresenta que Florianópolis é o município que mais possui casais que residem junto com cônjuge do mesmo sexo: 0,11%, maior que outras capitais, como Porto Alegre (0,10%), Rio de Janeiro (0,09%) e até São Paulo (0,067%), Além dos dados contemplarem apenas os casais que moram sob o mesmo teto, há a questão da subdeclaração: movimentos LGBT+ defendem que o número seja muito maior, visto que muitas pessoas da comunidade sentem medo ou vergonha de se expor para a pesquisa. Desta forma, pode-se supor que muitos imigrantes de Florianópolis residam com cônjuge do mesmo sexo, que podem buscar no município um local onde possam (re)construir sua identidade.

A pesquisa baseia-se numa abordagem que combina procedimentos quantitativo-qualitativa de modo complementares (MINAYO, 2001). A coleta de dados, realizada em 2021 e 2022, utilizou a técnica de formulário, distribuídos pelas redes sociais de instituições de apoio LGBT e de redes

3 Pessoas com 5 anos ou mais que não residiam no município em 31/07/2005.

sociais do pesquisador. Ao final obtivemos 63 respostas, fazendo um levantamento com uma amostra intencional de imigrantes LGBTQ+. A pesquisa foca em migrantes gays, mas para ter uma análise mais abrangente em relação a essa população, esta parte da pesquisa abarca toda a diversidade de gênero e sexualidade.

A pesquisa também utilizou a técnica de entrevista semi-estruturada na perspectiva de história de vida (BONI; QUARESMA, 2005), com 3 migrantes gays que se dispuseram a participar.

O artigo está dividido em 4 partes, na primeira parte, analisamos a representação de Florianópolis como cidade LGBTQ+, pela caracterização do município de Florianópolis como um lugar destino LGBTQ+, como a imagem de cidade *gayfriendly* foi construída pelo marketing da cidade, sendo um dos principais municípios que a população em questão busca como lazer, muitas vezes chamada de capital LGBTQ+ do Brasil. Na segunda parte, apresentamos os principais resultados do formulário e da entrevista, a fim de identificar os motivos migratórios da população gay e o porquê da escolha de Florianópolis. Caracterizar o perfil dos imigrantes gay de Florianópolis e identificar como se deu a construção das redes sociais para o processo migratório da população gay, imigrante de Florianópolis.

Na última parte, analisamos como ocorreu a “saída do armário”. Identificando qual foi papel das redes sociais migratórias, pedaços e representações no processo de saída do armário dos imigrantes gays de Florianópolis, se, por meio dessas, o processo de identificação sexual ocorreu mais facilmente ou não. Por fim, propõe-se como as políticas públicas de planejamento podem fomentar espaços de relacionamento para tecer novas redes sociais que, além de auxiliar o processo de migração e de proteção para essa população, podem auxiliar o processo de identificação.

### **Floripa se constituindo de destino turismo LGBTQ+**

Esse tópico tem como objetivo caracterizar o município de Florianópolis, que se constitui como um lugar de destino LGBTQ+, como a imagem de cidade *gayfriendly* foi construída pelo marketing da cidade, sendo uma das cidades principais, além de São Paulo e Rio de Janeiro, que a população em questão busca como lazer, muitas vezes chamada de capital LGBTQ+ do Brasil. Além de apresentar também os possíveis locais que fazem parte do circuito da subcultura LGBTQ+ da cidade.

Uma pesquisa rápida em sites de busca sobre destinos LGBTQ+ no Brasil traz Florianópolis como um dos locais mais propícios para a população LGBTQ+<sup>4</sup>, isto tanto em sites nacionais quanto internacionais. Analisando o

4 Cinco capitais no Brasil com atrações para o público LGBTQ, 2017. Disponível em: <https://www.camaralgbt.com.br/cinco-capitais-no-brasil-com-atracoes-para-o-publico-lgbt/>. Acesso em: 26 abr. 2021.

LEICK, Rafael. Prêmio Viaja Bi!: os melhores destinos LGBTQ+ friendly para 2020, 2020. Disponível em: <https://viajabr.com.br/melhores-destinos-lgbt-friendly-2020-premio-viaja-bi/>. Acesso em: 26 abr. 2021.

LEICK, Rafael. De norte a sul: veja 8 destinos para turismo LGBTQ+ no Brasil, 2019. Disponível em: <https://magazine.trivago.com.br/turismo-lgbt-brasil/>. Acesso em: 26 abr. 2021.

GAY Cities. Disponível em: <https://www.gaycities.com/places>. Acesso em: 26 abr. 2021.

histórico da cidade, vê-se que está imagem de cidade *gayfriendly* foi construída pela mídia e pelos setores do turismo, principalmente para trazer novos investimentos e mais turistas para a cidade. Comprova-se este interesse, pois turistas LGBT+ gastam 30% mais que heterossexuais (NEVES; BRAMBATTI, 2019).

Florianópolis tem uma localização geograficamente estratégica, uma ilha, rodeadas de praias, com alto desenvolvimento tecnológico, localizada no centro da região mais rica do Brasil, os estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná e o estado de São Paulo, na região sudeste. Há facilidade de acesso pela via terrestre, marítima ou aérea também de países da América do Sul, como Argentina, Chile, Paraguai, Uruguai. A cidade foca toda sua estrutura em turismo, principalmente na alta temporada de verão, dezembro, janeiro e fevereiro, quando sua população mais que duplica. Além de possuir um IDH (índice de desenvolvimento humano) de 0.854 em 2010, sendo o terceiro município mais bem colocado no Brasil<sup>5</sup>, só por estes aspectos, Florianópolis é um grande destino a turistas, tanto nacionais quanto internacionais.

A partir dos trabalhos de Queiroz (2014), Lazarini e Rial (2010), far-se-á uma análise sobre de que modo a imagem de Florianópolis como capital LGBT+ do Brasil foi construída, a partir da mídia e pelo setor do turismo, a fim de fortalecer o turismo no município em outras épocas, além do verão.

A partir de 1999, ano da primeira Parada Gay da cidade, mesmo reunindo poucas pessoas, levando-a a ser mais uma carreta do que uma parada, o objetivo foi alcançando, trazendo visibilidade e demarcando os primeiros passos para o crescimento do movimento na cidade. Aos poucos, por meio de colunas nos jornais e, principalmente, pelo grande carnaval ocorrido no ano de 2000 no Bar Roma, local de encontro LGBT+ da época, foi-se percebido o íbope e a importância econômica que esta população tem dentro da cidade.

Em 2002, ocorre a Rainha Gay, atualmente conhecido como Pop Gay, na época, uma das únicas festas durante o carnaval do Brasil, incentivado pela prefeitura da cidade e destinada à população LGTB+, em 2003, a mesma reuniu mais de 10 mil pessoas, em 2020, em sua 27ª edição, registrou um público de mais de 30 mil pessoas<sup>6</sup>.

Com o aumento de turismo, dos hóspedes, boas gorjetas, casas noturnas com público o ano inteiro, Florianópolis se tornou, de fato, um novo polo de turismo LGBT+, em 2005, cria-se AEGLBTS/SC (Associação dos Empreendedores Gay, Lésbicas, Bissexuais, Transgêneros e simpatizantes de Santa Catarina), mas esse sucesso silenciava a militância, os movimentos sociais tinham pouca voz dentro da associação. A parada da diversidade que estava sendo organizada pela AEGLBT/SC, com apoio do ex-vereador Tiago Silva, não passava de interesses econômicos e tinha pouca preocupação social.

---

5 PNUD BRASIL. Ranking IDHM Municípios 2010. Disponível em: <<https://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home.html>>. Acesso em: 26 abr. 2021.

6 G1: Confira as vencedoras da 27ª edição do concurso Pop Gay em Florianópolis. Florianópolis, 25 fev. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/carnaval/2020/noticia/2020/02/25/confira-asvencedoras-da-27a-edicao-do-concurso-pop-gay-em-florianopolis.ghtml>. Acesso em: 26 abr. 2021.



Após muito debate, no dia 09 de julho de 2006, ocorre a Parada da Diversidade, reunindo cerca de 30 mil pessoas na Avenida Beira Mar Norte, no dia 10 de julho. As reportagens nomeavam: "Parada da Diversidade – Florianópolis, a capital gay do Brasil", e as notícias enunciavam o grande clima festivo investido por meio da AEGLBTS, custeando-a sem nenhuma contribuição pública. Os militantes do movimento LGBT de Florianópolis, silenciados e esquecidos, não foram citados, e sua participação também não foi mencionada.

A Parada da Diversidade continuou na principal avenida do município, a Avenida Beira Mar Norte, até 2013, sendo considerada a segunda maior parada da diversidade do Brasil, reunindo, segundo os organizadores, mais de 100 mil pessoas. Em 2015, a parada foi realocada para a Beira Mar Continental, reunindo 30 mil pessoas, segundo os organizadores<sup>7</sup>, em 2019, Parada Gay realizada, não contou com o apoio da prefeitura, o único auxílio foi ceder a Avenida Beira Mar Continental e a guarda municipal para segurança e organização do evento, sendo totalmente realizada e organizada pelos movimentos sociais e a empreendedores ligados à causa, segundo a polícia militar, essa edição reuniu em torno de 10 mil pessoas<sup>8</sup>.

Retornando para o ano de 2008, a cidade recebeu eventos importantes, tanto nacionais quanto internacionais, com a temática de gênero e sexualidade, em 2008, o II Fórum de Turismo GLS, da ABRAT-GLS; em 2009, o VI Fórum Internacional de Turismo GLS, da ABRAT – GLS e IGLTA – *Internation Gay & Lesbian Travel Association*; em 2012, a Convenção Anual da IGTA, maior evento LGBT+ do mundo, realizado com apoio do Ministério do Turismo e da EMBRATUR – Instituto Brasileiro de Turismo; e em 2013, Florianópolis foi citada pela revista americana Forbes como destino gay mais popular entre brasileiros e estrangeiros<sup>9</sup>.

A partir do exposto, percebe-se que Florianópolis foi construindo tanto eventos como locais para LGBT+, e uma imagem de cidade *gayfriendly*. Atualmente, a cidade conta com diversos empreendimentos que consideram LGBT+ como seu principal público, formando um circuito da subcultura LGBT+ no município. Observa-se nas Figuras 1 e 2 o circuito da subcultura LGBT+, centro e zona leste, englobando baladas ou casas noturnas: (1) 1007, (2) Jivago, (3) Blues Velvet, (7) Concorde Club (8) Bar do Deca; bares como: (5) Madalena Bar, (6) Bodega La Kahlo, (4) Bar do Jonas; e espaços públicos que são considerados espaços LGBT+ como a (10) praia da Galheta e (9) praia Mole. Eventos como: Parada da Diversidade, Pop Gay, Bloco Não me Kahlo,

7 G1: 9ª Parada da Diversidade reúne milhares de pessoas em Florianópolis, 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2015/09/9-parada-da-diversidade-reune-centenas-de-pessoas-em-florianopolis.html>>. Acesso em: 26 abr. 2021.

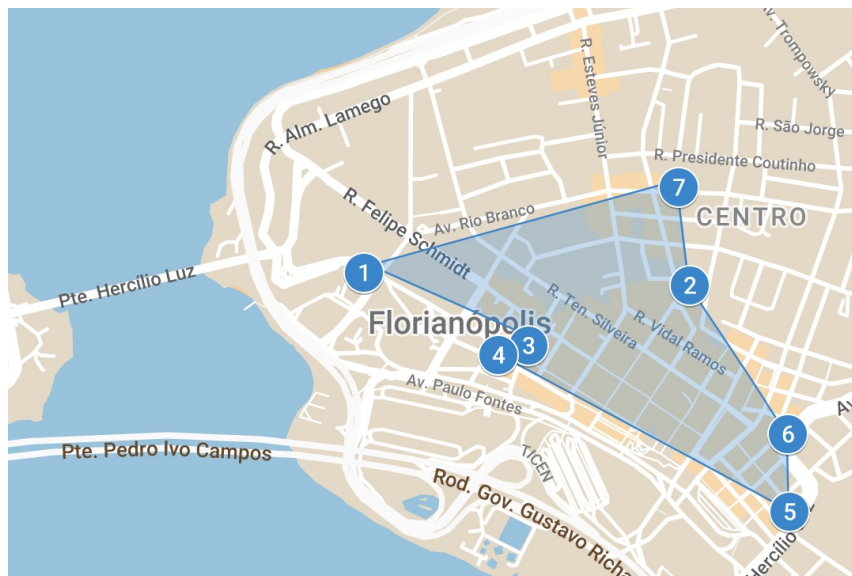
8 NSC TOTAL: Parada da Diversidade em Florianópolis tem até casamento, 2019. Disponível em: <<https://www.nscotal.com.br/noticias/parada-da-diversidade-em-florianopolis-tem-ate-casamento>>. Acesso em: 26 abr. 2021.

9 PREFEITURA DE FLORIANÓPOLIS. Florianópolis é destaque no site da revista Forbes: capital catarinense é considerada uma das cidades mais capacitadas para atender o segmento lgbt, 2013. Disponível em: <<http://www.pmf.sc.gov.br/entidades/turismo/index.php?pagina=notpagina%C2%ACi=9607>>. Acesso em: 26 abr. 2021.

## Imigrantes LGBT+ em Florianópolis/SC: O Papel das Redes Sociais no Processo de Identificação Sexual

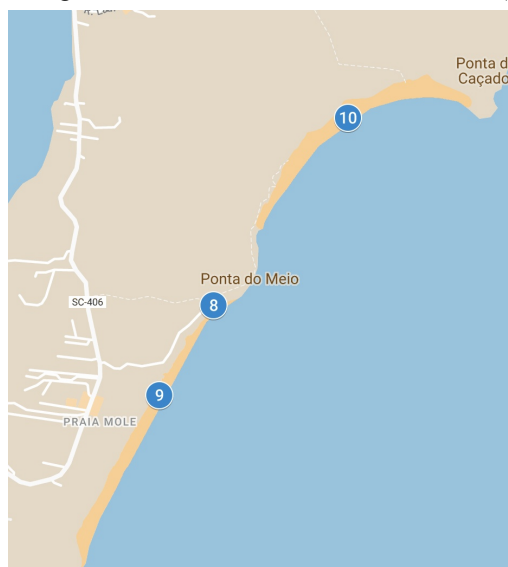
Bloco Jivaguety, Wallowen e Festa Junina de rua do Jivago, Transforma – Festival de Cinema da Diversidade de Santa Catarina; além de diversas produtoras de eventos com temática LGBT+ ocorrem periodicamente na cidade.

Figura 1 – Circuito da SubCultura LGBT+ (Centro)



Fonte: Formulário de pesquisa (2021).

Figura 2 – Circuito da SubCultura LGBT+ (Zona Leste)



Fonte: Formulário de pesquisa (2021).

Não se pode desconsiderar que Florianópolis possui uma universidade federal, a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), e uma estadual, a Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), as quais, além de serem espaços que a população LGBT+ convive, trazem apoio científico para o debate levantado na sociedade. Ademais, a UFSC possui o maior evento de gênero da América Latina, o Fazendo Gênero, que, em 2021, está na sua 12ª edição.

Lucas Matias da Silveira, Gláucia de Oliveira Assis, Fransisco Canella



A partir do exposto, constata-se que Florianópolis é um destino de turismo LGBT+. Com ressalvas, Florianópolis pode ser sim uma cidade *gayfriendly*, na qual os movimentos sociais aos poucos estão sendo considerados, mas há muito caminho ainda a percorrer, pois casos de homofobias<sup>10</sup> são diários, todos os locais citados anteriormente sofrem agressões de moradores provincianos que querem manter a cidade “tradicional”. Consta-se que, mesmo Florianópolis divulgando que é uma capital *gayfriendly*, ocorre muita violência contra a comunidade LGBT+ no município.

### **Identificando os migrantes LGBT+ e suas redes sociais**

Os dados levantados no formulário de pesquisa, o perfil dos participantes do formulário é majoritariamente de homens, cis, gays, brancos, classe média, jovens entre 26 e 35 anos, de origem principalmente da região Sul e Sudeste, que migraram para a cidade em busca de estudo, trabalho e/ou melhor condição de vida. Muitos possuíam uma rede social já tecida, mas grande parte ainda estava no “armário”.

A partir desses dados, pode-se fazer algumas reflexões em relação ao sexo, identidade de gênero e, principalmente, à orientação sexual, realço aqui a questão das mulheres. Segundo o IBGE (2010), a quantidade de imigrantes mulheres e homens é praticamente a mesma, 31.659 para sexo masculino e 31.556 para sexo feminino, mas muito mais homens gays responderam ao formulário.

Isso pode ser tema de pesquisas futuras. Se há também um grande movimento migratório de mulheres não heterossexuais para Florianópolis? Pois, das 15 mulheres que responderam o formulário, entre cisgêneras e trans, 8 se identificaram bissexuais, uma trans se identificou como hétero e outra como não binária, as outras 5 mulheres se identificaram como lésbicas.

Desta maneira, pode-se supor que poucas mulheres tiveram acesso ao formulário, mesmo ele sendo divulgado nas redes sociais de instituições de defesa dos direitos de lésbicas e LGBT+. Supõe-se que as redes sociais, tanto a do pesquisador quanto das instituições, não conseguem alcançar a maior parte das mulheres. Isso também pressupõe o direito das mulheres dentro da cidade, em especial, o direito das mulheres lésbicas e bissexuais, muitas autoras<sup>11</sup> destacam essa invisibilidade das mulheres, de modo que não podem vivenciar a cidade com dignidade e liberdade.

---

10 G1: Casal gay relata ter sido espancado por homofobia na lagoa da conceição em Florianópolis. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/casal-gay-relata-ter-sido-espancado-por-homofobia-na-lagoa-daconceicao-em-florianopolis.ghtml>>. Acesso em: 1 mar. 2019.

11 RUIZ, Jéssica. A libertação sexual de mulheres que amam mulheres: um ensaio sobre direito feminino. In: INSTITUTO BRASILEIRO DE DIREITO URBANÍSTICO (São Paulo). Direito à Cidade: vivência e olhares de identidade de gênero e diversidade afetiva&sexual. São Paulo: IBDU, 2017. p. 25-33. COLETIVO LUANA BARBOSA: Direito à cidade na perspectiva das mulheres lésbicas. In: INSTITUTO BRASILEIRO DE DIREITO URBANÍSTICO (São Paulo). Direito à Cidade: vivência e olhares de identidade de gênero e diversidade afetiva&sexual. São Paulo: IBDU, 2017. p. 100-104. ROLNIK, Raquel. As mulheres também têm direito à cidade? 2016. Disponível em: <<https://raquelrolnik.wordpress.com/2016/03/14/as-mulheres-tambem-tem-direito-a-cidade/>>. Acesso em: 08 fev. 2022. .



Essa invisibilidade e falta de acesso, tanto à cidade quanto aos dados de mulheres lésbicas, bissexuais, trans, entre outras, dificulta o fomento de políticas públicas para elas. Mas novas iniciativas pretendem acabar com essa invisibilidade, por exemplo, o LesboCenso<sup>12</sup>, projeto que pretende coletar informações sobre autoidentificação, trabalho, educação, saúde, relacionamentos, relações familiares, entre outros pontos sobre a população lésbica do Brasil.

Em relação à idade, pode-se supor que não houve grande número de pessoas entre 18 e 25 anos, pois estamos há dois anos em isolamento por causa da pandemia da COVID-19, quando jovens que estavam programando se mudar por conta da faculdade ou trabalho adiaram sua migração, pois as principais faculdades UFSC e UDESC trabalharam remotamente nesse período, além da dificuldade de encontrar trabalho no setor de serviços.

Em relação à autodeclaração étnico-racial, pode-se observar que a maioria se autoidentificou como branco, mesmo que a população negra da cidade represente 10% do total. A indagação sobre a pouca participação das mulheres, pode ser igualmente feita em relação à população negra, será que essas instituições estão alcançando em suas redes? Em relação a isso:

Os movimentos LGBTs são ainda muito atravessados pela supremacia branca e pelo racismo dela derivado, de modo que pessoas LGBTs negras, mesmo nesses espaços mais plurais – nos quais se pressupõe o acolhimento a todos aqueles que possuem uma sexualidade desviante da cis-hétero-norma –, experienciem a recusa dos membros brancos dessas comunidades de reconhecerem seus privilégios enquanto tais e de se engajarem numa luta LGBT que seja interseccional. [...] “não existe hierarquia de opressão”, mas que existem acúmulos e, assim sendo, uma pessoa LGBT negra sofre maiores opressões do que uma pessoa LGBT branca. Lutar pelo fim da violência da lgbtphobia sem atrelar a essa luta o fim da desigualdade racial é uma maneira de os movimentos LGBTs reforçarem nas bixas pretas a sensação de não-lugar (VEIGA, 2018, p. 85)

Outro fator possível da baixa participação de homossexuais negros na pesquisa é a negação, camuflagem ou ainda estão o “armário”. Veiga (2018) aponta que a heterossexualidade compulsória das sociedades ocidentais nega a afetividade, produz uma negação ou camuflagem da homossexualidade, especialmente em garotos negros. Isso ocasiona um impasse: negar a sexualidade ou aderir à masculinidade heteronormativa, correndo o risco de não ser aceito em seu próprio espaço familiar de pertencimento e o risco de não sobreviver. No Brasil expectativa de vida dos negros é seis anos menor do que a dos brancos, e a cada 23 minutos se mata um jovem negro no país; soma-se o fato de que a cada 28 horas uma pessoa LGBT+ é assassinada no país. Esses dados, ao se cruzarem sobre o corpo do homossexual negro, fazem dele um alvo permanente da violência do racismo e da homofobia.

Em relação às cidades de origem, destaca-se que as cidades pequenas e de porte médio (nesse caso, Florianópolis), passaram a representar uma

12 Disponível em: <https://lesbocenso.com.br/>. Acesso: 08 fev. 2022.

importante parcela do dinamismo regional, mudando a direção e sentido dos fluxos migratórios. Santa Catarina passou a ter uma capacidade de retenção migratória<sup>13</sup> expressiva, entre 2004 e 2009, de 0,26, muito maior que outros estados da região Sul. Consequentemente, a autora destaca a grande perda migratória<sup>14</sup> de São Paulo para estados da Região Sul e Centro Oeste, com destaque para Santa Catarina, além do aumento de fluxo migratório entre os estados da região Sul, principalmente do Paraná e Rio Grande do Sul para Santa Catarina (BAENINGER, 2012a; 2012b; 2016).

Sobre a migração jovem, Alves e Baeninger (2008), corroboram com a reflexão, destacando que esse fluxo populacional etário jovem, que busca uma nova oportunidade tanto de trabalho como de estudo, representa uma conjuntura para a região alcançar um maior nível de desenvolvimento, devido à rápida redução em dependência etária. Contudo, os autores destacam que Florianópolis nunca esteve atrelada ao setor industrial, a renda da cidade sempre foi voltada ao setor de serviços. Constata-se a mudança desse perfil da cidade, com o incremento de indústrias de pequeno porte e, principalmente, o desenvolvimento da indústria de tecnologia, como *startups*, informática e automação industrial, fato relacionado com a presença da UFSC, o que também, auxiliou a elevar Florianópolis do nível de cidade para metrópole (IBGE, 2018).

A questão da busca por trabalho e melhor condição de vida está relacionada com a migração por estilo de vida. Robins (2022) desenvolve que essa migração está caracterizada por uma ideologia individualista, proporcionada pela liberdade individual, muitas vezes em busca da autorrealização, por fuga e liberdade de problemas anteriores. Associada à liberdade está a experiência do anonimato e mobilidade. Anonimato em relação a olhares conhecidos, da vigilância da família, o que possibilita novas afetividades. Mobilidade não só física, de movimento, mas também de identificação, “ser quem é”.

Como demonstrado na fala do Entrevistado 1, que queria sair de sua cidade para ser quem eles eram, sair da vigilância constante da família ter liberdade.

*Eu queria ter uma experiência nova de vida, cultural, era uma ideia minha, e também sair um pouco do ciclo familiares, ter um pouco mais de liberdade da minha vida pessoal (ENTREVISTADO 1, entrevista realizada dia 21 de fevereiro de 2022).*

Essa liberdade social é encontrada principalmente em ambientes urbanos, pois nas pequenas cidades, a vigilância dos corpos é maior, o que impossibilita uma liberdade sexual. Essa perspectiva de liberdade sexual na vida urbana é um aspecto que, muitas vezes, está por trás da migração homossexual, a vigilância e as repreensões sociais da família nas cidades pequenas faz com que a mudança de local seja uma válvula de escape (PARKER, 2002; TEIXEIRA, 2015).

A partir do trabalho remunerado, conquista-se a independência financeira e controle sobre seus corpos, libertando-se dos laços familiares comuns aos grupos

13 A partir do novo olhar do processo migratório interno, conduz à substituição dos conceitos historicamente datados. Área de atração ou absorção por área de retenção migratória.

14 Área de evasão por área de perda migratória. (BAENINGER, 2012b).

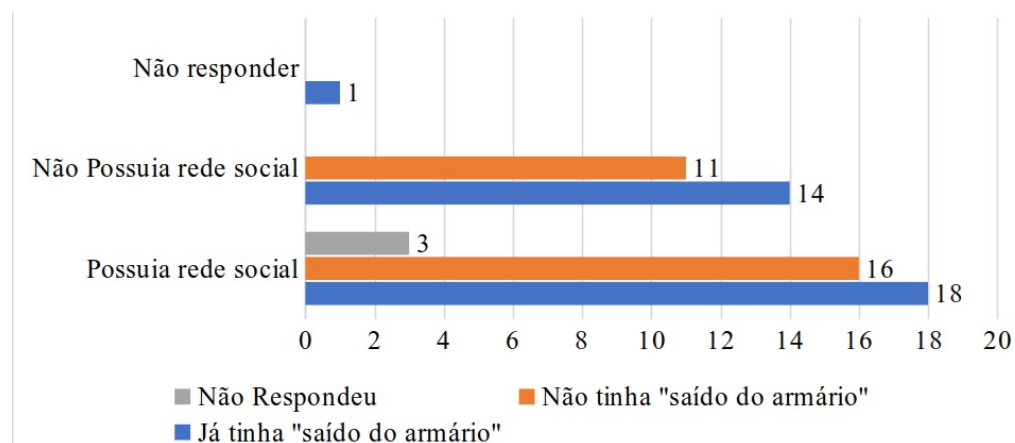
comunitários rurais, além também do distanciamento da vigilância. Assim, na cidade, as pessoas que desejariam corpos do mesmo sexo encontrariam: anonimato, mobilidade de diferentes corpos, indiferença mútua, estranheza, proteção, facilitando o contato sexual, principalmente com corpos do mesmo sexo (TEIXEIRA, 2015).

Florianópolis, por possuir essa representação *LGBTfriendly*, é uma cidade na qual os migrantes LGBT+ buscam essa liberdade sexual. Isto pode ser observado nas respostas dos formulários, ao observar qual foi o motivo da migração. Referindo-se à melhor condição de vida, uma resposta indica: “*Sempre tive vontade de viver em Florianópolis, pelas praias e também por pesquisas que asseguravam a cidade como segura aos LGBTQIA+*”. Naquelas em que no âmbito da melhor condição de vida, destacou-se o estudo, registramos: “*espaço para crescimento pessoal e mais respeito em relação as condições de gênero e sexualidade*” e “[...] *viver minha plenitude gay*” (Formulário de pesquisa, 2021).

Logo, como demonstrado anteriormente, as questões econômicas ou acadêmicas muitas vezes são consideradas primordiais, mas mesmo que não concretizada, a migração por estilo de vida compensa a vinda. Um estilo de vida que as pessoas projetaram e imaginaram para cidade, um espaço seguro e acolhedor para LGBT+, imagem criada pelas representações da grande mídia, demonstradas no tópico anterior.

Na questão de redes sociais migratórias, segundo o formulário, pode-se observar que grande parte já possuía algum conhecido que moravam na cidade, principalmente amigos e familiares. Mas é interessante destacar que 25 pessoas, de 63, não possuíam uma rede social que lhe ajudaram a se instalar na cidade. Além disso, muitos dos que possuíam uma rede social ainda estavam no “armário”.

Gráfico 1 - Relação de redes sociais e o "armário"



Fonte: Formulário de pesquisa (2021).

Portanto, os migrantes LGBT+ devem tecer suas redes sociais no local de destino, por meio da sociabilização e vivência em pedaços, aqueles LGBT+ que possuem redes sociais, frequentemente, ainda estão no “armário” e, por meio da vivência nestes espaços, podem utilizar-se dessas redes para modificar sua identificação.

### **Saída do armário**

Muito ainda se comenta sobre a sexualidade ser algo inato, que já nasce pronta, mas a sexualidade é aprendida, é construída ao longo de nossas vidas, muito mais do que só uma questão pessoal, a sexualidade é uma questão social e política. A sexualidade abrange rituais, linguagens, fantasias, representações, relações pessoais, relações de poder.

As possibilidades da sexualidade – das formas de expressar os desejos e prazeres – também são sempre socialmente estabelecidas e codificadas. As identidades de gênero e sexuais são, portanto, compostas e definidas por relações sociais, elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade (LOURO, 2000, p. 9).

Como apresenta a Louro, Hall (2019) corrobora que a identificação não é algo fixo, a alteramos de acordo com os sistemas culturais que nos rodeiam, ela é constituída por meio do percurso entre o nascimento e a morte. Ela é produzida pelas experiências que passamos, nas relações que temos e “(re)ações” dos acontecimentos, é o resultado das trocas com semelhantes que transportam a sua influência. A identificação é constituída e modificada pelas relações sociais, espaço-tempo e representações<sup>15</sup>. Assim, o processo de identificação e sexualidade estão associados, logo, todo processo de identificação também influencia as identificações sociais, neste caso, sexualidade e gênero.

Para o processo de identificação, o migrante interage no primeiro momento com a representação da cidade, que frequentemente é tomada como realidade, dado que esta é produzida por grupos sociais dominantes. Por meio dessa representação, propõe-se a migração por estilo de vida, no qual, por meio da imaginação criada pelas representações, projeta-se um novo estilo de vida, com maior liberdade, sem estigmatizações.

O segundo ponto é o espaço-tempo, segundo dados apresentados, os migrantes vivenciam a cidade e constroem territorialidades. Mas estes espaços não são vivenciados apenas pelos migrantes, são atravessados e adaptados por outras influências sociais bastantes diferentes, que são encontradas tanto nas outras identidades que frequentam o local quanto em outras formas de representação no local, assim, somos relacionados a diferentes identificações, que não somente induzem o espaço, mas também possibilitam uma escolha de identidade pela identificação entre e com as pessoas que estão em volta. Como o circuito da subcultura LGBT+, aquele local é tanto alterado como ressignificado pelas pessoas que o frequentam, e também interfere na identificação de cada sujeito.

O último fator de alteração da identificação são as relações sociais, para o sujeito sociólogo, as relações sociais são o principal fator de formação da identidade do sujeito, já para o sujeito pós-moderno, sujeitos desta pesquisa, ocorre uma mudança causada pela globalização, as formas de interconexão

---

15 Para Hall a representação é a escrita, pintura, desenho, fotografia, simbolização por meio da arte ou dos sistemas de telecomunicação. Assim, para presente artigo, caracterizará a importância que estas representações possuem para construção do imaginário do local que direcionará a influência à migração.

social cobrem todo o globo, alterando algumas características da identificação das pessoas, assim, as relações sociais não estão limitadas somente àquele espaço em que se vive, mas também se dão nas conexões que a globalização proporciona. Para homens gays, as relações sociais estão associadas principalmente às amizades, pois possuem relevância na vida social, muitos consideram os amigos sua própria família, pois são fonte de afeto e de apoio na sociedade heteronormativa, para os homossexuais, eles são vistos como o “outro eu” (VIEIRA, 2010).

Assim, cada fator está relacionado com o outro, as representações são resultado das relações sociais, que transformam o espaço e tempo, modificando também as relações sociais. Como Hall (2019) define, a todo momento, nossa identificação está sendo alterada, por todos os fatores descritos, e um influencia outro.

Na presente pesquisa, a fundamentação sobre a identificação pode ser exemplificada pelas falas dos entrevistados:

*[...] é como você falou é um processo, acho que foi aos poucos assim esse meu entendimento, acho que todos nos carregamos esses preconceitos que existem na sociedade, e aí eu fiz a transição de escola particular para pública, no ensino médio, no segundo ano do ensino médio eu tinha uma turma com muita diversidade lá, de cor, de raça, de orientação sexual e isso me fez um pouco tirar alguns preconceitos e a partir daí foi um processo mesmo, me desconstruindo de várias coisas, e aí aos poucos no outro ano fui entendendo bem aos poucos assim a pessoa que eu era, como eu tinha desconstruído vários preconceitos em mim, foi um processo e foi um espaço de me aceitar na época (Entrevistado 1, entrevista realizada 21/02/2022)*

O entrevistado 1 (22 anos), pela sua convivência em uma escola com o diferente, com o espaço, as relações sociais e identificações diferentes, auxiliou a desconstruir seus preconceitos e entender sua sexualidade. Isso não significa que ele nunca poderia ter se entendido, mas aquela convivência, naquele momento de vida, antecipou um processo de identificação. Ele poderia viver no “armário” por muito tempo até encontrar outras identificações que o auxiliassem.

A partir da fala dos entrevistados, é possível perceber que já tinham a percepção de sua orientação sexual, do fato de serem gays. Os entrevistados, comentam que sentiam algo diferente ou já sabiam que eram gay, mas não possuíam uma abertura para falar sobre isso, “sair do armário”, por viverem em locais que estigmatizam ou onde não encontrariam uma rede de apoio para falar sobre, por isso, deixavam sem conhecer parte da sua identidade, “dentro do armário”, por meio da vivência em outros locais ou a vinda para Florianópolis, pretendiam e lograram conhecer pessoas com identificações diferentes, passaram por processos de compreensão e transformaram em força para enfrentar a barreira simbólica do “armário”.



### Planejar espaços urbanos para diversidade sexual

Como exposto anteriormente, o processo de identificação ocorre no espaço-tempo, neste caso no espaço da cidade de Florianópolis, no qual o migrante que chega à cidade sem uma rede social tecida, ou aquele que ainda não “saiu do armário”, pode demorar a encontrar um espaço que se sinta acolhido, representado e seguro para fazer novas relações que auxiliem no processo de identificação e, assim, possa enfrentar as barreiras simbólicas do “armário”.

Para isso, esta pesquisa para o Programa de Planejamento Territorial, propõe ponderar meios pelos quais os órgãos governamentais possam fomentar políticas públicas e planejar a cidade, auxiliando o processo de “saída do armário”. Esses sujeitos são uma parcela importante da população e devem ser considerados nos instrumentos normativos urbanísticos da cidade, direito assegurado na constituição:

Com a Constituição de 1988, a prática urbanística busca não apenas reconciliar o cidadão com seu espaço, mas igualmente com seu sistema de representação social e político. Ao menos em teoria, os novos instrumentos urbanísticos – normativos (plano diretor e estatuto da cidade) e operativos (projeto urbano) – se colocam como um passo importante em direção à democracia participativa onde os gestores fazem apela a todas as ferramentas e meios para escutar os cidadãos e implicá-los diretamente nos destinos da cidade (FARIAS, 2012, p. 102).

Mas nada é tratado sobre este grupo social nos documentos oficiais, plano diretor e estatuto da cidade de Florianópolis do ano de 2014. Desta maneira, o poder público trata a temática com a norma heterossexual dominante, colocando toda diversidade sexual e de gênero em uma posição de exclusão, dentro do “armário”, pois aquilo que não é falado não existe. Isso faz com que vários LGBT+ tenham que disciplinar seus corpos, ações e falas para transparecer uma imagem heteronormativa, pelo medo do preconceito que pode ocorrer.

Assim, o direito à cidade dos LGBT+ não existe, eles não são considerados nos instrumentos normativos urbanísticos, impossibilitando a convivência ou relacionamentos nos espaços da cidade. A rua, um espaço coletivo de trocas e cruzamentos, representa um risco à vida, pois os casos de homofobia normalmente ocorrem em espaços públicos, a exemplo do verão de 2019, quando ocorreu o movimento “Põe a cara no Sol LGBTI<sup>16</sup>”, e movimentos LGBTI+ e associações de moradores fizeram manifestações contra casos de LGBTIfobia que ocorreram na praia do Campeche, como relata o próprio entrevistado, que sofreu um caso de homofobia:

*[...] um deles foi no dia que o Bolsonaro ganhou a eleição, 2018, eu acho que eu tava voltando de um role com meus amigos, uns caras passaram de carro, com bandeira do brasil chamando monte de gente*

16 Bota a Cara no Sol LGBTI + (edição Campeche), Florianópolis, *Facebook*, 2019. Disponível em: <<https://www.facebook.com/events/1999674180119985/>>. Acesso em: 12 abr. 2019.

*de viadinho, vou matar você, não sei o que, aqui no centro perto da Hercílio Luz, e a outra vez, 2012, foi logo que me assumi, no Meu escritório [bar], na hora que fui pagar a conta, eu tava com um grupo de amigos, todos gays, um garçom falou: pega a conta deles lá da mesa dos boitolinhos, não sei o que [...] (ENTREVISTADO 3, entrevista realizada dia 23 de fevereiro de 2022).*

Além de não possuir um espaço de segurança, quando se relata casos de homofobia, não há um local seguro e acolhedor aonde ir, não é somente o espaço urbano que deve ser pensado para prevenir casos como esses, mas também locais de denúncia e proteção, muitas vezes, na delegacia, um local totalmente heteronormativo, pode-se sofrer ainda mais discriminação do que na rua.

Logo, para deter espaços de segurança, os LGBT+ têm que ressignificar os espaços, tornando-os LGBT*friendly*, como demonstrado anteriormente, os espaços se tornam pedaços LGBT+ quando estes performam sua sexualidade. Consequentemente, para fomentar políticas públicas para a população em questão, proponho algumas reflexões.

A falta de espaços de proteção para essa população inicia nos primeiros anos de vida, no local onde aprendemos a desenvolver relações, na escola, no Brasil, os debates de gênero e sexualidade na escola ainda são escassos, deveria existir um projeto de ensino em toda rede de ensino para preparar a comunidade escolar sobre o assunto. Os entrevistados comentam:

*ENTREVISTADOR: Quais política públicas (para LGBT+) você acha que poderia ter assim?*

*Talvez políticas no mês do orgulho de conscientização da população, que sabe nas escolas, trazer essa questão do preconceito, de homofobia (ENTREVISTADO 1, entrevista realizada dia 21 de fevereiro de 2022).*

*Eu acho que sempre, falando de maior conscientização, é uma conversa complexa, mas principalmente nas escolas, eu passei de falta de auto noção, auto percepção, realmente eu até tinha referencias, mas aquelas pessoas viviam no mesmo, status que eu, então nesse sentido, qualquer tipo de política, "ei ta tudo bem, se você sentir isso, não significa que necessariamente que você é gay, mas que você ta sentindo uma atração" alguma coisa nesse sentido, tanto de uma educação LGBT, quanto educação sexual geral afetiva (ENTREVISTADO 2, entrevista realizada dia 22 de fevereiro de 2022).*

A escola é o local onde a criança ou jovem se depara com o conhecimento científico, no qual essa relação entre educadores-educandos e os conteúdos contribuem fortemente na formação do sujeito, desse modo, também em seu processo de identificação. Mas a questão da sexualidade e gênero normalmente se dá no campo muito mais biológico, sobre partes do corpo ou como ocorre a

gravidez, do que propriamente discutindo sexualidade e gênero como práticas sociais, pois a escola entende o processo de identidade de gênero como modelo único e “padrão”, o heterossexual. Mantendo o equilíbrio do processo de identificação sexual, incentivando a sexualidade “normal” e tentando conter o processo da descoberta. Como demonstra Louro (2000, p.20), para escola,

Um homem ou uma mulher ‘de verdade’ deverão ser, necessariamente, heterossexuais e serão estimulados para isso. Mas a sexualidade deverá ser adiada para mais tarde, para depois da escola, para vida adulta. É preciso manter a “inocência” e a “pureza” das crianças (e se possível, dos adolescentes), ainda que isso implique no silenciamento e na negação da curiosidade dos saberes infantis e juvenis sobre as identidades, as fantasias e as práticas sexuais.

Logo, as lembranças que possuímos sobre sexualidade e gênero na escola, constantemente, não são relacionadas aos conteúdos curriculares, programáticos, mas sim através das relações pessoais da comunidade escolar nas situações do cotidiano, entre alunos, alunas, professores, pais e/ou responsáveis.

Portanto, propõe-se trazer esse debate sobre sexualidade e gênero para o currículo escolar, não só na questão biológica, mas nas relações sociais, sexuais e de gênero, que estão associadas à segunda proposição, efetivar e fomentar o II Plano Municipal De Políticas E Direitos Humanos De Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais E Trangêneros – LGBT.

O plano desenvolvido por entidades civis e governamentais possui o objetivo de trazer estratégias de gestão e ações que a prefeitura poderia promover para a população em questão, além de fomentar o conselho Municipal de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travesti, Transexuais e Transgêneros – LGBT, que possui papel importante na luta e militância LGBT+ na cidade, voltado para ações políticas, de cidadania, saúde e direitos da população LGBT+ da Grande Florianópolis. Por causa da pandemia da COVID-19, o conselho não conseguiu atuar como almejava, mas espera-se que, a partir de 2022, ele atue mais vigorosamente. Até o momento dessa escrita não há dados sobre a atuação do Conselho, nem se a prefeitura realizou alguma ação do II Plano Municipal De Políticas E Direitos Humanos De Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais E Trangêneros – LGBT.

O terceiro ponto, que essa pesquisa traz como arcabouço teórico, refere-se à realização de espaços de proteção e sociabilização para LGBT+ e outras pessoas. A partir do circuito de subcultura LGBT+, percebe-se que muitos locais de sociabilidade são locais privados, que excluem toda uma população com poucos ou sem recursos para vivenciar esses espaços.

Consequentemente, propormos incentivar espaços de sociabilidade LGBT+ na cidade que não sejam privados, bem como promover espaços para associações e ONGs, que sejam locais seguros para acolhimento e integração, tanto de nativos quanto de migrantes, onde seja possível tecer uma rede social que ajude os processos de migração e de identificação.

Atualmente, a única ação de apoio a essa população em Florianópolis é o “ambulatório trans” que fica na policlínica do centro da cidade, os

atendimentos ocorrem nas quartas e quintas durante a tarde<sup>17</sup>, contendo profissionais preparados para acolher a população trans, os médicos e outros profissionais de saúde acompanham as necessidades dessa população e auxiliam nos processos de hormonização.

A partir do exposto, percebe-se que ambientes de lazer e de relacionamento LGBTQ+ públicos ainda são escassos, defende-se, portanto, o investimento de espaços fixos de sociabilidade, como espaços culturais, onde ocorra o acolhimento de pessoas LGBTQ+, 24h por dia, pois se sabe que os casos de homofobia e transfobia ocorrem, geralmente, durante o período noturno. Além de oferecer às associações, coletivos e ONGs de apoio ao público LGBTQ+, é importante um local fixo, por exemplo, a ADEAH está, desde dezembro de 2021, sem um local fixo para dar apoio a essa comunidade.

A preparação dos profissionais que trabalham nos centros de acolhimento, como nos CRAS<sup>18</sup> ou na passarela da cidadania<sup>19</sup> para atender à população migrante, no caso da pesquisa, a população LGBTQ+, é urgente.

Ultrapassando as questões de gênero e sexualidade, a identificação possui outras faces, como classe, etnia, raça, local de moradia, idade, propõe-se promover espaços para sociabilização LGBTQ+, atendendo todas as faces das identificações do sujeito, pois, como exposto, por meio das relações sociais, por meio da convivência em espaços de segurança e acolhedores com outros iguais, a “saída do armário”, e aqui não me refiro ao “armário” da sexualidade e gênero, mas ao “armário” no qual escondemos e privamos nossa identificação, aquilo que nós somos. Ninguém deveria ter medo de performar e expressar aquilo que há a possibilidade de ser.

### **Conclusões**

Conclui-se que os migrantes LGBTQ+ da cidade de Florianópolis migram por um estilo de vida, já que imaginam uma cidade LGBTQ+friendly, cidade essa criada por meio das representações feitas pelas grandes mídias.

Por outro lado, quanto mais a população LGBTQ+ cresce na cidade, mais empoderamento e força os movimentos sociais terão, tanto em relação à quantidade de participantes quanto as novas reflexões e debates proporcionados por esta união. O aumento de territórios ocupados por essa população por meio da performance representa a transformação em territórios LGBTQ+friendly, assim, constituindo locais de defesa para essa população, para que possa vivenciar toda sua performatividade de gênero e sexualidade, sem que seja estigmatizada. Criam-se redes de amizade e apoio no território,

---

17 REDAÇÃO ND (Florianópolis). Ambulatório trans agora atende a população no Centro de Florianópolis. Nd+. Florianópolis, p. 1-1. 24 set. 2021. Disponível em: <https://ndmais.com.br/saude/ambulatorio-trans-agora-atende-a-populacao-no-centro-de-florianopolis/>. Acesso em: 01 nov. 2021.

18 Centro de referência a assistência social..

19 “Os serviços executados na “Passarela da Cidadania” buscam atender jovens, adultos e idosos que utilizam as ruas como espaço de moradia e/ou sobrevivência, de maneira complementar e compartilhada aos serviços e ações socioassistenciais próprios da gestão municipal e são prestados na Passarela Nego Quirido”. Disponível em: <<https://www.pmf.sc.gov.br/entidades/semas/index.php?cms=passarela+da+cidadania&menu=0>>. Acesso em: 01 jun. 2022.

constituindo, assim, uma territorialidade entre os sujeitos.

Pressupõem-se então que, por meio destes territórios que fazem parte do circuito da subcultura LGBT+, frequentados também por pessoas que não se identificam LGBT+, cria-se conforto para pessoas que participam ou simpatizam com a comunidade referida viverem aquele espaço e socializar com outras identidades, as quais não estavam acostumados a conviver, criando uma imagem positiva dos LGBT+.

Por meio desse convívio com outras identidades, coloca-se as identidades em questão, criticando a heteronormatividade e outras condutas consideradas padrões, pressupostas na sociedade. Portanto, por meio das redes sociais, espaços e representações que possui dentro do município, neste caso, em Florianópolis, é possível (re)construir uma identidade e, se o sujeito tiver pré-disposição, terá força e apoio para se assumir como LGBT+.

Posto isto, é importante haver novos territórios e fortalecer os territórios já existentes de sociabilização para estes migrantes, principalmente LGBT+, que chegam sem uma rede social migratória, para que se sintam acolhidos, auxiliados, amparados não só para questões econômicas e sociais, como casa, trabalho, alimentação, mas também em relação a sua identidade. Pois, por meio da migração, o sujeito, além de atravessar fronteiras geográficas, atravessa também fronteiras simbólicas e de identidades.

### **Referências**

ALVES, Pedro Assumpção; BAENINGER\*, Rosana Aparecida. Região Metropolitana de Florianópolis: migração e dinâmica da expansão urbana. In: XVI ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 2008, Abep. **Trabalho apresentado**. Caxambú-Mg. 2008. p. 1-21. Disponível em: <http://www.abep.org.br/publicacoes/index.php/anais/article/viewFile/3389/3248>. Acesso em: 20 jun. 2022.

ANDRADE, Vitor Lopes. **Refúgio por motivos de orientação sexual: um estudo antropológico na cidade de São Paulo**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2019. 202p

ASSIS, Gláucia de Oliveira. Mulheres migrantes no passado e no presente: gênero, redes sociais e migração internacional. **Revista Estudos Feministas**, v. 15, n.3, p. 745 – 772, 2007.

BAENINGER, Rosana. Rotatividade migratória: um novo olhar para as migrações internas no Brasil. **REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, v. 20, n. 39, 2012a, pp. 77-100.

BAENINGER, Rosana. Rotatividade Migratória: um novo olhar para as migrações internas no br. **Rev. Inter. Mob. Hum.**, Brasília, ano XX, n. 39, p. 77-100, jul., 2012b. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/remhu/a/mrVMskqfZGB3w5t7wjfBKHR/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 jun. 2022.



BAENINGER, R. Migração transnacional: elementos teóricos para o debate. *In: Rosana Baeninger, et al (Orgs.). Imigração Haitiana no Brasil*. 1ed. Jundiaí-SP: Paco editorial, v. 1, p. 13-44, 2016.

BONI, Valdete e QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais, **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**. Vol. 2 nº 1 (3), janeiro-julho/2005, p. 68-80.

BROWN, Michael P. **Closet space**: geographies of metaphor from the body to the globe. London: Routledge, 2000. 170 p.

FARIAS, José Almir. Prática Urbanística e Diversidade Sexual: Pode o urbanismo contribuir para a emancipação LGBT nos espaços da cidade? **Advir**, Rio de Janeiro, p.100-113, jul. 2012.

FOUCAULT, Michel. **POWER/KNOWLEDGE**: selected interviews and other writings 1972-1977. New York: Pantheon, 1980.

HALPERIN, David. **Saint Foucault**. New York: Oxford University Press, 1995.

HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós – modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, ed. 12, 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE DIREITO URBANÍSTICO (Org.). **Direito à cidade**: vivências e olhares de identidade de gênero e diversidade afetiva & sexual. São Paulo: IBDU, 2017.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo 2010**, 2010. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/>. Acesso em: 9 dez. 2022.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Regiões de Influência das Cidades**: 2018. Rio de Janeiro: IBGE, 2020.

LANZARINI, Ricardo, A viagem Liberadora: Para além das fronteiras da Sexualidade. **Rosa dos Ventos**, 5(4), p. 548 – 558, out-dez, 2013.

LAZARINI, Ricardo; RIAL, Carmem. Turismo Gay na ilha de santa catarina: homossociabilidades e perpectivas. **Fazendo Genero 9**, Florianopolis, p. 1-10, ago. 2010.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. *In: LOURO, G. L. (Org.). O corpo educado*: pedagogias da sexualidade. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 7-34.

MAGNANI, José Guilherme. **Festa no pedaço**: cultura popular e lazer na

cidade. São Paulo: UNESP, [1984] 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

NEVES, Christopher Smith Bignardi; BRAMBATTI, Luiz Ernesto. LGBT Tourist Behavior Regarding Leisure Travel Consumption. **Revista Rosa dos Ventos - Turismo e Hospitalidade**, Universidade Caixias do Sul, v. 11, n. 4, p. 832-846, 14 out. 2019.

PADILHA, Beatriz. A imigração Brasileira em Portugal: considerando o gênero na análise. *In*: MALHEIROS, Jorge Macaísta. **Imigração brasileira em Portugal**. Lisboa, Acidi, 2007, pp.113-134.

PARKER, Richard Guy. **Abaixo do equador**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

QUEIROZ, Igor Henrique Lopes de. A capital gay do brasil: política, turismo, economia e a construção de imagens acerca de Florianópolis - SC através das paginas jornalísticas (1999 - 2006). **Santa Catarina em História**, Florianopolis, v. 8, n. 2, p. 1-21, set. 2014.

ROBINS, D. A Migração do Sul Global para o Norte Global por estilo de vida: individualismo, classe social e liberdade em uma cidade de 'superdiversidade'. **TRAVESSIA - Revista Do Migrante**, n. 93, 2022. Disponível em: <https://travessia.emnuvens.com.br/travessia/article/view/1044>. Acesso em: 9 dez. 2022.

SAGGESE, Gustavo Santa Roza et al. Quando o armário é aberto: visibilidade, percepção de risco e construção de identidade no coming out de homens homossexuais. **Fazendo Genero 8**, Florianópolis, p. 1-10, ago. 2008.

SEDGWICK, Eve Kosofky. A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**, n. 28, p. 19- 54, 2007.

SOUZA, Marcelo Lopes de. O território: sobre o espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. *In*: CASTRO, Iná et al (Org.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p. 77-116.

TEIXEIRA, Marcelo Augusto de Almeida. "Metronormatividades" nativas: migrações homossexuais e espaços urbanos no Brasil. **Àskesis**, São Carlos, v. 4, n. 1, p.23-25, jan. 2015. Disponível em: [http://www.revistaaskesis.ufscar.br/index.php/askesis/article/view/8/pdf\\_2](http://www.revistaaskesis.ufscar.br/index.php/askesis/article/view/8/pdf_2). Acesso em: 04 mar. 2019.

VEIGA, Lucas. As diásporas da bixa preta:: sobre ser negro e gay no Brasil. **Revista Tabuleiro de Letras**, Salvador, v. 12, n. 1, p. 77-88, jun. 2018.

VIEIRA, Paulo Jorge. Mobilidades, migrações e orientações sexuais: percursos

em torno das fronteiras reais e imaginárias. **Ex aequo**, n. 24, p. 45-59, 2011a.

VIEIRA. Paulo Jorge, Cidades torcidas uma abordagem conceitual sobre (homo)sexualidades e espaço urbano, In: **XII simpósio nacional de geografia urbana ciência e utopia**: por uma geografia do possível (Apresentação), Belo Horizonte, 2011b.

VIEIRA. Paulo Jorge, “Do “bairro” e para além do “bairro” – Heterotopias e Constelações Lésbicas e Gays em Espaço Urbano” *In*: Salvador, Regina; Firmino, Ana; Ponte, Cristina; Ferreira, Eduarda (org.), **Actas do Seminário Geografias de Inclusão**: desafios e oportunidades. Lisboa: e-GEO, pp. 102-117. 2011c.

VIEIRA, Paulo Jorge. Aeminiumqueer, a Cidade Armário: Quotidianos Lésbicos e Gyas em Espaços Urbanos, **Revista Latino-americana de Geografia e gênero**, Ponta Grossa, v.1, n.1, p. 5 – 13, jan/jun. 2010.

#### **Contribuição de Autoria / Contribución de autoría**

Lucas Matias da Silveira: Conceituação, Análise formal, Investigação, Curadoria de dados, Metodologia, Escrita (primeira redação).

Gláucia de Oliveira Assis: Conceituação, Metodologia, Análise formal, Escrita (revisão e edição).

Fransisco Canella: Conceituação, Análise formal, Escrita (revisão e edição).

**Recebido em 21 de junho de 2022.**

**Aceito em 07 de novembro de 2022.**

**Lucas Matias da Silveira, Gláucia de Oliveira Assis, Fransisco Canella**

